

PERFIL DE PRODUTORES DE HORTALIÇAS PROVENIENTES DA AGRICULTURA FAMILIAR EM BOA ESPERANÇA E VARGINHA – MG

Giovana do Carmo Pereira^{1*}
Alicia Aparecida de Souza^{**}
Luciane Tavares da Cunha^{***}

RESUMO

A agricultura familiar é uma atividade desenvolvida por pequenos e grandes produtores que tem o intuito de aumentar sua renda. Estes produtores constituem cerca de 84% dos estabelecimentos agropecuários do Brasil e participam da base econômica com 90% de cada município brasileiro. O objetivo deste trabalho foi caracterizar o perfil de produtores de hortaliças provenientes da agricultura familiar no município de Varginha e Boa Esperança– MG. Foram analisados os perfis dos produtores de hortaliças, sendo 65 em Boa Esperança e 79 em Varginha, e os dados analisados mediante uma pesquisa de campo quantitativa realizada junto aos produtores que comercializam os alimentos em feiras livres e comércios. Em Boa Esperança 58% dos produtores é do sexo feminino e 42% masculino, e em Varginha 47% e 53% respectivamente. Destacou-se que apenas 9% dos entrevistados possuem ensino superior e a maior parte dos produtores possui ensino fundamental completo nas duas cidades. Ainda, observou-se que em Boa Esperança a taxa de produção da maioria dos produtos é superior que a de Varginha e que a minoria dos produtores possuem incentivo governamental. Assim, conclui-se que nas cidades de Boa Esperança e Varginha, os perfis dos produtores são de pequenas propriedades, com grande produção, baixo nível tecnológico e gerenciamento feito por mulheres.

Palavras-chave: Produção. Hortaliças. Agricultura Familiar.

1

*Aluna do curso de Engenharia Agrônoma do Centro Universitário do Sul de Minas UNIS-MG. E-mail: giovana.c.p@hotmail.com

** Aluna do curso de Engenharia Agrônoma do Centro Universitário do Sul de Minas UNIS-MG. E-mail:aliciasouzabemg35@hotmail.com

*** Profa. Doutora Titular do UNIS. E-mail: luciane.cunha@unis.edu.br

**GREENERY PRODUCERS PROFILE IN VARGINHA AND BOA ESPERANÇA
AGRICULTURE - MG**

ABSTRACT

Family agriculture is an activity developed by small and large producers to increase their income. These properties constitute about 84% of agricultural properties in Brazil and participate in the economic base with 90% of each Brazilian municipality. The objective of this work was to characterize the profile of vegetable growers from family farms in the municipality of Varginha and Boa Esperança– MG. We analyzed the profiles of the producers of vegetables, being 65 in Boa Esperança and 79 in Varginha, and the data analyzed through a field research, quantitative carried out with the producers who sell the food in free markets and local trade. In Boa Esperança, 58% of producers are female and 42% male, and in Varginha 47% and 53% respectively. It was highlighted that only 9% of respondents have higher education and most of the producers have complete elementary education in the two cities. Still, it was observed that in Boa Esperança the rate of production of most products is higher than that of Varginha and that the minority of producers have incentive from the government. Thus, it is concluded that in the cities of Boa Esperança and Varginha, the profiles of the producers are small properties, large production, low technological level and management done by women.

Keywords: Production. Greenery. Family farming.

1. INTRODUÇÃO

A agricultura familiar é uma atividade que fortalece o desenvolvimento regional e distribui melhor a renda. Ainda, é responsável por uma parte significativa da produção nacional, respeita melhor o meio ambiente e, principalmente, potencializa a economia nos municípios onde vivem (LOURENZANI et al., 2006). A agricultura familiar apesar estar em grande crescente, é ainda pouco estudada pelo fato de ser bastante diversificada incluindo tanto famílias que vivem e exploram minifúndios em condições de extrema pobreza como produtores inseridos no moderno agronegócio que logram gerar renda superior, várias vezes, a que define a linha da pobreza (BUANAIN, 2006). A agricultura familiar é uma atividade econômica que cresce cada dia mais principalmente devido aos incentivos governamentais como o PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) e o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) que possibilitam a melhoria estrutural e educacional dos agricultores. Dentre os produtos que são mais cultivados estão a produção de frutas e horticultura, além da criação de pequenos animais (SCHNEIDER; CASSOL, 2013).

Uma pesquisa com este tema se justifica por ser se tratar de um levantamento de dados para identificar e comparar as características de produtores alimentos na cidade de Varginha e de Boa Esperança - MG, bem como analisar o perfil sócio demográfico dos produtores e avaliar as percepções dos mesmos sobre seus produtos, conhecendo também os produtos mais consumidos e produzidos, e avaliando os atributos determinantes nas decisões de produção de hortaliças. É válido ressaltar que, o estudo da agricultura familiar é de suma importância, pois além de contribuir com a economia do país, engloba em seu contexto o trabalho e a mão de obra familiar, composta na maioria das vezes por pais, filhos e netos. Além de contribuir com uma pequena parcela cultural, devido ao fato muitos produtores realizam este trabalho de geração em geração.

A agricultura familiar é responsável por grande parte da produção de alimentos disponibilizados para o consumo da população brasileira. É uma atividade que se caracteriza pela formação e organização social, cultural, econômica e ambiental e que se torna a base familiar por ser a principal fonte de renda do meio rural com predominância de mão de obra familiar (BRASIL, 2015). Para ser considerado um agricultor familiar, criou-se a Lei nº 11.326/2006, que define como agricultor familiar aquele que tenha no máximo em sua propriedade quatro módulos fiscais, que variam de acordo com cada município, predomine a mão de obra familiar, o que não exclui a colaboração e até mesmo a contratação de terceiros, cuja renda não ultrapasse R\$70,00, e que a renda seja totalmente de origem de sua propriedade (PEDROSO, 2014; MACEDO, 2014).

Por muito tempo, a agricultura familiar foi considerada como agricultura de subsistência Mattei (2014), porém hoje, representa 84% do total dos estabelecimentos agropecuários brasileiros e ocupa uma área de pouco maior de 80,3 milhões de hectares, o que representa 24,3% da área total dos estabelecimentos rurais brasileiros, e gera uma receita de 66% da produção brasileira (SCHNEIDER; CASSOL, 2013). A grande variedade de produtos, também é um diferencial dos agricultores familiares, produzem desde hortaliças, até pequenos animais, segundo Brasil (2015), o agricultor familiar é responsável por abastecer o mercado brasileiro com mandioca (87%), feijão (70%), carne suína (59%), leite (58%), carne de aves (50%) e milho (46%).

Durante o processo de modernização da agricultura brasileira, as políticas públicas para a área rural, em especial a política agrícola, privilegiaram os setores mais capitalizados como a produção de commodities, porém a produção familiar ficou as margens de benefícios oferecidos pela política agrícola (MATTEI, 2014). Esse cenário, começou a ser modificado em 1999, com a criação do O PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) que tem como intuito a melhoria da produção agrícola familiar, oferecendo do crédito e apoio financeiro aos agricultores familiares para a aquisição de máquinas, insumos, infraestrutura, e proporcionar a capacitação sobre os processos e gestão da propriedade (MATTEI, 2001). Com a criação do PRONAF, outros programas governamentais começaram a ser idealizados como o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), que é um exemplo, pois passou-se a contar, então, com a obrigatoriedade de compra de 30% de produtos da agricultura familiar e ampliou as exigências alimentares e nutricionais relativas à alimentação servida nas escolas públicas (SAMBRUICHI et al., 2014). No PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) os produtos destinados à doação são oferecidos para entidades da rede sócia assistencial, nos restaurantes populares, bancos de alimentos e cozinhas comunitárias e ainda para cestas de alimentos distribuídas pelo Governo Federal (BRASIL, 2014). Além disto, a exemplo do PAA, o PNAE passou também a incentivar a compra de produtos agroecológicos e orgânicos.

Para facilitar a identificação de produtos oriundos da agricultura familiar, criou-se o selo que é colocado em todos os produtos, o que contribui para que a agricultura familiar se organize cada vez mais e qualifique suas ações comerciais, além de contribuir para que agregue valor aos produtos, uma vez que promove valores cada vez mais exigidos pelos consumidores (SEBRAE, 2016). O auxílio de programas é uma facilidade em que os agricultores tem de melhorar a produção, pois além destes produtos serem mais saudáveis, quase sempre sua produção sem o uso agrotóxicos, faz com que a demanda desses produtos cresça, estando como o preferido entre os consumidores. O trabalho da mulher no meio familiar, considerado invisível e insignificativo, Stropasolas (2006) afirma que as

mulheres garantem somente a sustentabilidade da família e que possuem a consciência confusa de sua situação nas relações sociais de produção no espaço rural e que ser agricultora está definido muito mais como um modo de vida que como uma profissão. Stropasolas (2006) ainda acrescenta que ser agricultora não se resume a exercer uma profissão na agricultura, mas exige que se leve em conta outros parâmetros que interferem sobre a representação que as agricultoras constroem delas mesmas, pois ser agricultora é também ser esposa, mãe, mulher e rural. Porém a mulher na agricultura familiar não se resume apenas em ser esposa, mãe e mulher, a presença das mulheres na agricultura familiar tem se destacado a cada ano mais cerca de 12,68% (IBGE, 2009; SILIPRANDI, 2007), tornando a mulher como principal mediadora entre o trabalho rural e a conquista de mercado.

O objetivo deste trabalho foi caracterizar o perfil de produtores de hortaliças provenientes da agricultura familiar no município de Varginha e Boa Esperança - MG. Os dados foram obtidos mediante a uma pesquisa quantitativa realizada junto aos produtores que comercializam os alimentos em feiras livres e comércios das cidades de Varginha e Boa Esperança - MG.

2 METODOLOGIA

Foram caracterizados os perfis dos agricultores familiares de duas cidades do Sul de Minas Gerais, uma no município de Boa Esperança em que foram catalogados 77 agricultores que participavam de feiras livres e comércios locais e, em Varginha, um total de 99. Foi realizada uma pesquisa quantitativa durante os meses de maio, junho e julho, com 144 agricultores, sendo 65 de Boa Esperança e 79 de Varginha. Os dados coletados foram comparados e caracterizados por meio de análise descritiva, por meio de porcentagem simples, além da descrição qualitativa dos dados, com o auxílio do aplicativo estatístico SPSS versão para o Windows®.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos produtores entrevistados (Figura 1) na cidade de Boa Esperança, 58% é do sexo feminino representado por 38 mulheres entrevistadas, e do sexo masculino 42%, representado por 27 homens, e este dado é contraditório com a atual condição do Brasil que apresenta 96,7 homens para cada 100

mulheres. Já na cidade de Varginha o percentual de homens como agricultores familiares é de 53%, representado por 42 entrevistados, e o número de mulheres representa 47%.

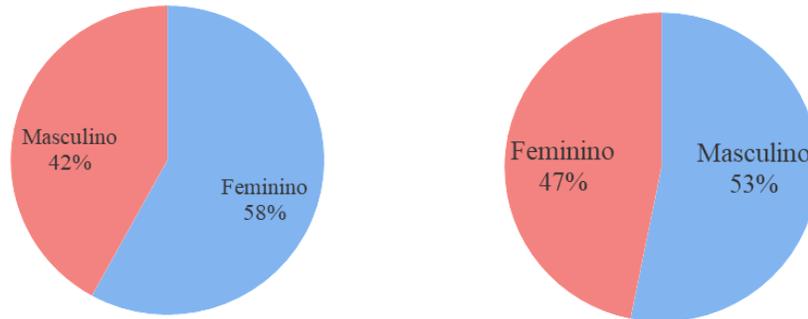


Figura 1. Caracterização dos produtores em Boa Esperança e Varginha – MG.

Essa variação dos gêneros entre cidades é caracterizada pelo fato de que em Boa Esperança a renda, que as mulheres conseguem com a venda de hortaliças, é considerada como ganho extra pelo fato de seus parceiros possuírem outras fontes de renda, como a produção de café ou possuírem vínculo empregatício. Já em Varginha acontece o contrário, o homem trabalha exclusivamente com a venda dos produtos de sua propriedade e a mulher contribui com a renda familiar trabalhando em outras atividades como artesanatos, atividades domésticas, dentre outros.

Com relação à escolaridade dos produtores (Figura 2), é um aspecto muito importante para a tomada de decisões, uma vez que esse fator contribui significativamente com o tipo de pessoas estão sendo abordadas. Na cidade de Boa Esperança o Ensino Fundamental Incompleto representa 8% dos entrevistados, e é caracterizado por pessoas acima de 60 anos, ou seja, pessoas que não tinham como conciliar estudo e trabalho. Já o Ensino Fundamental Completo, representou 43 % e mostra pessoa na faixa etária de 40 a 50 anos. O Ensino médio incompleto representou 18 entrevistados dando uma margem de 12 %, e a idade média 35 a 40 anos, já o ensino médio completo representou uma parcela de 28%, ou seja, os produtores com este nível de escolaridade fizeram apenas o que é recomendado para todas as pessoas. Por último, foi caracterizado o ensino superior que obteve apenas 9% dos entrevistados, esse grupo é caracterizado pelos filhos e netos de agricultores familiares que estão ali somente para ajudar na comercialização dos produtos vendidos em suas bancas. Em Varginha, o percentual não é muito diferente, e houve uma maior significância em relação as pessoas que possuem ensino médio completo (24%), e isso caracteriza pelo fato das pessoas terem acesso mais fácil a recursos que possibilitem a conclusão do ensino médio. No entanto pode-se perceber que, nas duas

idades, o nível de pessoas com baixa escolaridade é muito grande, o que dificulta o processo de introdução e gestão de novas tecnologias na propriedade.

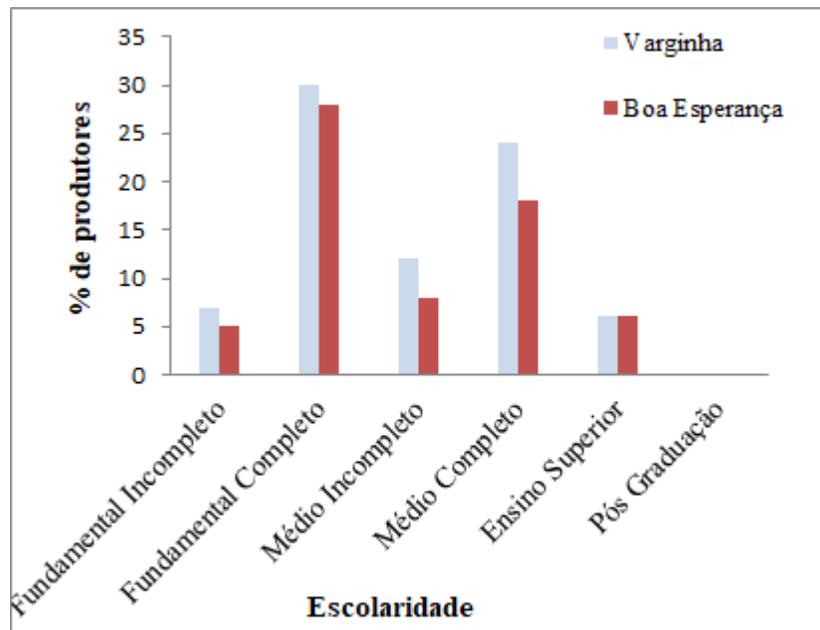


Figura 2. Grau de Escolaridade dos produtores de Boa Esperança e Varginha – MG.

Foi observada uma grande quantidade de produtos produzidos. Na Figura 3 é mostrada esta variedade e remete-se que o produtor não busca melhorias para apenas um tipo de cultura, mas produz para atender um nicho de mercado. Em Boa Esperança verificou-se que 46% dos entrevistados produzem tanto frutas como laranja, banana, maçã, como também produz um pouco de verduras como alface, couve, rúcula e um pouco de legumes como batata, inhame, abóbora. Apenas 11% se especificou em produção de frutas, 32% verduras e 11% legumes.

Já em Varginha, mesmo possuindo um maior número populacional, os valores são menores sendo 9% dos produtores tem como maior produção as frutas, 34% verduras, 18% legumes e 39% variedade. Entre as cidades, pode-se observar que em Boa Esperança a taxa de produção da maioria dos produtos é superior que a de Varginha, isso acontece pelo fato de que os produtores vivem exclusivamente com a agricultura familiar e que aproveitam todas as áreas cultiváveis para se produzir.

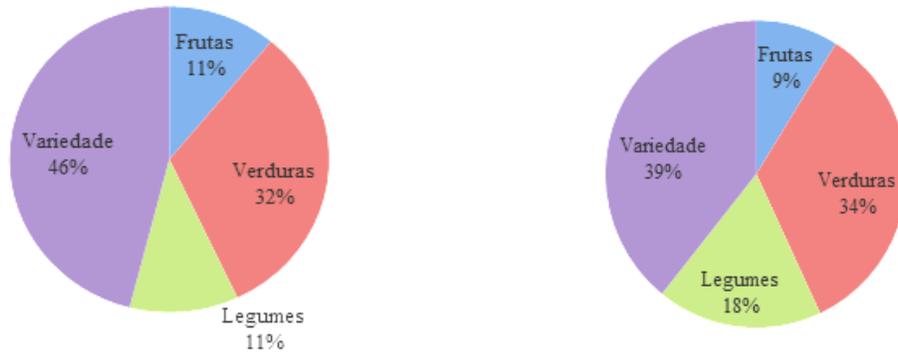


Figura 3. Produtos mais comercializados em Boa Esperança e Varginha – MG.

A estimativa de produção, como observada na Figura 4, é o que faz com que o produtor possa planejar ações e adequar manejos e melhorias, para aumentar cada vez mais a quantidade produzida.



Figura 4. Estimativa da produção de Boa Esperança e Varginha – MG.

A pesquisa mostrou que em Boa Esperança, 62% dos entrevistados não sabem o quanto produzem, ou seja, possuem pouco nível tecnológico em sua propriedade, esse fato pode ser devido à escolaridade de cada um, pois quanto menor o nível de conhecimento menor será a facilidade em administrar a produção, 15% afirmaram ter uma produção média, e 1% baixa. Em Varginha, os percentuais são mais bem distribuídos, 18% dos produtores afirmaram não saber o quanto produzem, 37% tem uma produção alta, 29% média e 16% baixa produção.

Os programas governamentais são iniciativas que facilitam a linha de crédito e escoamento de produção para agricultores familiares. Neste estudo, verificou-se (Figura 5) que a minoria dos

produtores possui este tipo de incentivo sendo 27% em Varginha e apenas 12% em Boa Esperança. Dos produtores entrevistados que possuem incentivos, a maioria é cadastrada com PRONAF, PAA e alguns com PNAE. Dos produtores que não possuem incentivos, muitos alegaram que já possuíam, mas com passar o tempo cancelaram este crédito.

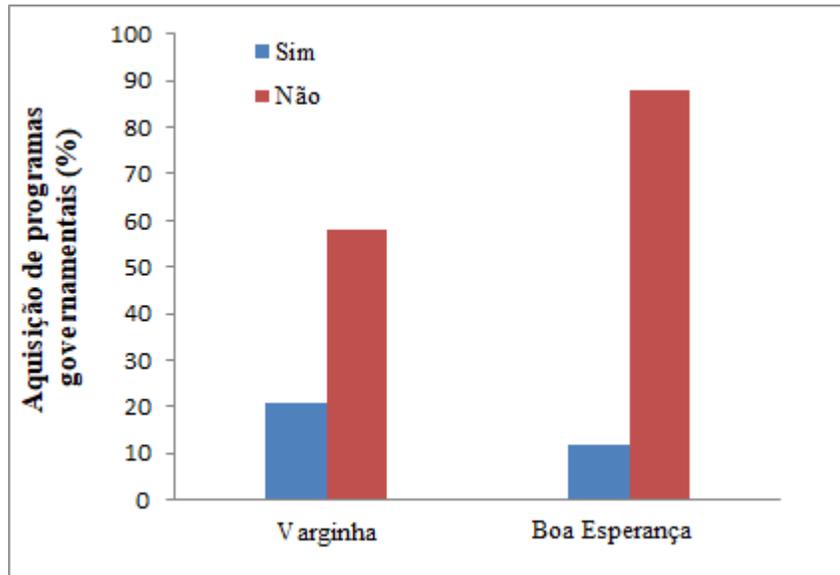


Figura 5. Produtores que possuem programas governamentais em Boa Esperança e Varginha – MG.

As interações entre o agricultor, a família, a propriedade rural e o mercado de trabalho constituem uma forma de integração e uma necessidade estrutural entre os agricultores familiares. Diante deste contexto, a unidade familiar tem a capacidade de elaborar novas estratégias para se adaptar às condições econômicas e sociais que está inserida, tornando-se necessário analisar a família como unidade social e não apenas como unidade de produção (MESQUITA; MENDES, 2012). O agricultor trabalha dependendo de fatores internos e externos. A agricultura familiar não contribui apenas para a reprodução socioeconômica das famílias rurais e segurança alimentar, mas também em fatores ligados à identidade social e às formas de sociabilidade das famílias, o que assegura a manutenção de muitas comunidades rurais.

A agricultura familiar é a garantia da segurança alimentar e nutricional, do fortalecimento do mercado interno, a preservação da biodiversidade, a reprodução do patrimônio cultural das populações rurais, e a manutenção da diversidade territorial dos espaços rurais interessam e beneficiam a toda a sociedade, uma vez que ela pode se beneficiar ao usufruir de alimentos de qualidade e diversificados,

de ambientes naturais preservados e de uma diversidade e de manifestações culturais (MATTEI, 2014).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual situação das cidades de Boa Esperança e Varginha, em Minas Gerais, mostra que os produtores de hortaliças possuem grandes dificuldades e falta de informação em suas produções. Sociologicamente, entende-se que a agricultura familiar é uma atividade exclusiva para mulheres, porém, no cenário agrícola esta atividade feminina está crescente, principalmente quando se diz respeito a agricultura familiar, pois a mulher tem sido considerada como a base da família. Ainda a maioria dos produtores tem um baixo grau de escolaridade e as dificuldades aumentam devido ao trabalho no campo e o sustento da família. Contudo, a produção dos agricultores familiares se destaca pois, na maioria das vezes, sendo responsáveis por pequenas propriedades, conseguem abastecer feiras, supermercados, ceasas, atendendo uma grande parcela da população com seus produtos, além fazer o consumo familiar. Porém, a falta de tecnologia e escolaridade baixa faz com que os produtores não contabilizem sua produção girando em torno de estimativas feitas por meio da quantidade produzida. Assim, percebe-se que nestas cidades, o perfil dos produtores é de pequenas propriedades, com grande produção, baixo nível tecnológico e gerenciamento feito por mulheres.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos por brasileiro.** 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/07/agricultura-familiar-produz-70-dos-alimentos-consumidos-por-brasileiro>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

BRASIL.PAA – **Programa de Aquisição de Alimentos.** 2014. Disponível em:<<http://www.mda.gov.br/sitemda/secretaria/saf-paa/sobre-o-programa>> Acesso em: 08 set. 2017.

BUANAIN, A. M. **Agricultura familiar, agroecologia e desenvolvimento sustentável: questões para debate.** Brasília: IICA, 2006. p. 09-15. (Vol. 5). Disponível em: <

<http://www.iicabr.iica.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Serie-DRS-vol-5-Agricultura-familiar-agroecologica-e-desenvol-sustentavel.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

IBGE. **Censo Agropecuário 2006: Agricultura familiar**. Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. Rio de Janeiro: IBGE, 2009

LOURENZANI, W. L. et al. 2006. A qualificação em gestão da agricultura familiar. In: VII Congresso Latino-Americano de Sociologia Rural, 2006, Quito. **Anais do VII Congresso Latino-Americano de Sociologia Rural**, Quito, 2006.

MACEDO, A. Agricultura familiar e a difusa conceituação do termo. **Embrapa Hortaliças**, ano 3. n. 14, p. 07-08, set./ dez 2014. Disponível em :<https://www.embrapa.br/documents/1355126/2250572/revista_ed14.pdf/a238ede6-a45d-4e07-858a-78bfa9025ab5>. Acesso em: 15 ago. 2017.

MATTEI, L. O papel e a importância da agricultura familiar no desenvolvimento rural brasileiro contemporâneo. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 45, p. 71-79, Fortaleza, 2014.

MATTEI, L. **Programa nacional de fortalecimento da agricultura familiar (PRONAF): Concepção, abrangência e limites observados**. 2001. p.03

MESQUITA, L. A. P.; MENDES, E. P. P. Agricultura familiar, trabalho e estratégias: a participação feminina na reprodução socioeconômica e cultural. **Espaço em Revista**, v.14, n. 1, jan/jun. 2012, p. 14 – 23. Catalão, 2012.

PEDROSO, M. T. M. **A agricultura familiar no Brasil**. [S. l]. 2014. p. 01 Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1068089/a-agricultura-familiar-no-brasil>> Acesso em: 15 ago. 2017.

SAMBRUICHI, R. H. et al. **Políticas agroambientais e sustentabilidade desafios, oportunidades e lições aprendidas**. Brasília: Ipea, 2014., p. 76-92.

SCHNEIDER, S.; CASSOL, A. **A agricultura familiar no Brasil**. Porto Alegre: RIMISP, 2013. Disponível em: <http://www.rimisp.org/wp-content/files_mf/1438617722145AgriculturaFamiliarBrasil_ShneideryCassol_editado.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2017.

SEBRAE. **Entenda o que é o selo da agricultura familiar**. 2016. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/entenda-o-que-e-o-selo-da-agricultura-familiar,216e438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD>> Acesso em: 13 ago. 2017.

SILIPRANDI, E. Agroecologia, agricultura familiar e mulheres rurais. **Revista Brasileira Agroecologia**, v.2, n.1, 2007.

STROPASOLAS, V. L. **O mundo rural no horizonte dos jovens: o caso dos filhos (as) de agricultores familiares de Ouro/SC Florianópolis**: [s. n.], 2006.